

*“É uma cruz que carrego pelo resto da minha vida!”*

*Experiência de um caso clínico<sup>1</sup>.*

*Thaís de Albuquerque da Costa Lins<sup>2</sup>*

## Introdução

O objetivo desse trabalho é relatar a experiência de um caso clínico que representa a conclusão do estágio curricular no âmbito da Clínica Psicanalítica, realizada no Instituto Materno Infantil Professor Fernando Figueira – IMIP. Nesse caso, irão ser trabalhados alguns questionamentos levantados por mim durante os atendimentos, bem como as articulações teóricas possíveis. É importante frisar que esse caso se apresenta mais em forma de questionamentos e lacunas do que propriamente uma exposição fechada como uma categoria nosográfica, haja vista ser a psicanálise uma abordagem da clínica que visa o inesperado, o singular de cada sujeito.

A escolha por esse caso deve-se, primeiramente, ao fato de ter sido o meu primeiro atendimento clínico, tendo, dessa forma, um tempo maior para elaborar, construir e discutir em supervisões as questões suscitadas, os não-ditos durante o acompanhamento terapêutico. Ademais, é significativo frisar que esse caso clínico mobilizou contra-transferencialmente alguns aspectos que me fez verticalizar o estudo sobre o lugar que a criança ocupa no seio familiar.

Assim, é importante ressaltar que, nesse trabalho, o caso clínico não está descrito em todas as suas vertentes. Na verdade, para expor a experiência

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão do estágio em Clínica Psicanalítica.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco e estagiária do ambulatório de Psicologia do IMIP.

desse atendimento, realizei um recorte dos principais aspectos escutados por mim durante as sessões. É fundamental salientar que esse cliente não se encontra mais em acompanhamento.

## Caso Clínico

Esse caso diz respeito ao atendimento de um pré-adolescente, com treze anos de idade, a quem chamarei de Rodrigo<sup>3</sup>. É importante destacar que, durante o acompanhamento de Rodrigo, sua mãe, que será chamada de Maria, fez-se presente em alguns atendimentos intercalados com seu filho.

O primeiro atendimento foi realizado com Maria. Essa (cinquenta e quatro anos) compareceu ao IMIP sozinha, queixando-se do repetitivo ciclo de crises convulsivas apresentadas pelo seu filho desde seus sete anos. Maria relatava que Rodrigo, perto da hora de dormir, começava a ter crises epiléticas e não conseguia deitar com a luz apagada. Ademais, salientou que, no momento das crises, Rodrigo chorava bastante, mas não entendia o motivo do choro de seu filho. Ainda registrou que, quando a crise sanava, seu filho se lembrava do que havia acontecido, ou seja, tinha consciência de que havia tido uma crise convulsiva.

Ao relatar sobre a história de seus filhos, Maria se detém mais na história de vida de Rodrigo. Ela diz ter quatro filhos, dentre eles uma menina. Nessa contagem dos filhos, Rodrigo é omitido. Nesse momento, começa a relatar que Rodrigo é adotado e que sempre quis ter uma "menina". Mencionou que Rodrigo é filho de uma vizinha e que, quando soube que ela estava grávida, perguntou: "Será menino ou menina?" (sic); a vizinha respondeu que provavelmente seria uma menina em virtude do formato de sua barriga.

Ao saber do parto da vizinha, Maria foi ao hospital e, ao chegar aí, a decepção: "É um menino!" Relatou que resolveu adotar Rodrigo juntamente com seu marido, já falecido há três anos, uma vez que já o havia prometido a

---

<sup>3</sup> Os nomes utilizados nesse trabalho são fictícios, no intuito de preservar a identidade dessas pessoas.

sua mãe biológica. Salientou ainda que não o queria porque já tinha três filhos homens e seu desejo sempre foi ter uma menina. Maria, nesse momento, confessa que havia pensado na possibilidade de "jogá-lo fora", afirmando: "Se nós (Maria e a mãe biológica de Rodrigo) jogássemos ele no lixo seríamos presas" (sic).

Dolto (citada em Volnovich,1991) menciona que *a criança é efeito do desejo do Outro, ou melhor, é fruto dos determinantes históricos do inconsciente do Outro. A criança, antes de nascer, já estar sendo falada por esse Outro que a determina. Os pais são as peças fundamentais para a constituição da criança enquanto sujeito; na verdade, ela necessita do desejo do Outro e de seus significantes para se constituir enquanto sujeito desejante.* Em outras palavras, essa fala é o que vai propiciar que as relações tornem-se estruturantes para o sujeito. Na origem de Rodrigo, as duas mães falaram em morte. ***Desejo de morte pelas "duas mães", dupla rejeição!***

Nesse mesmo atendimento, Maria salienta que nunca quis contar a verdade a Rodrigo, isto é, que ele era adotado. Disse-me que, quando ele fosse maior, iria lhe contar. No entanto, no meio de seu discurso, Maria relata que Rodrigo já sabe da sua verdadeira identidade. Salientou que, quando ele tinha sete anos, a esposa de seu avô biológico contou para ele, dizendo inclusive que ele tinha outros irmãos e que tinha outra mãe. Após saber quem era, Rodrigo, segundo Maria, começou a ter comportamentos agressivos em casa e ficou um pouco revoltado com seus pais.

**Quais as repercussões psíquicas para uma criança, cuja origem não é verbalizada até os sete anos, tendo-lhe sido revelada abruptamente pela esposa de seu avô biológico e não pela mãe que o adotou? Qual a relação entre o sintoma apresentado por Rodrigo e o não-esclarecimento de sua verdade pelo Outro?**

Dolto (citada em Mannoni, 1980) ressalta que *a ausência de falas verdadeiras (não-ditos, lacunas) durante a vida do sujeito pode ocasionar "problemas" significativos, acontecimentos traumáticos que podem tornar*

*incompreensíveis para o mesmo. Assim, "a criança cuja realidade lhe é escondida, (...) ela sofre, sem que lhe seja permitido reconhecer ou conhecer a verdade que ela percebe de maneira muito sutil e cujas palavras justas (...) ao lhe faltarem, levam-na a sentir-se estranha, objeto de um mal-estar mágico, desumanizante (p. 17).*

***Então, estariam as crises epiléticas de Rodrigo expressando o seu mal-estar referente ao "não-saber" de sua verdade?***

A partir da primeira entrevista com a mãe, resolvi chamar Rodrigo. Ele aparentava ser bastante tímido, não conseguia, durante o atendimento, olhar na minha direção. Sempre se apresentava de cabeça baixa e com o corpo encurvado. Ainda nas primeiras sessões, Rodrigo falou um pouco de sua família, através de desenhos, que, segundo ele, era uma atividade muito prazerosa. Em todos os seus desenhos, sempre mencionava algo de sua vida: construía sua casa, desenhava seus irmãos e relatava o que cada um fazia. Algumas vezes desenhava seus momentos de lazer, que foram poucos, com seu pai – pai esse que sempre teve uma boa relação afetiva com Rodrigo.

Em uma dessas sessões, Rodrigo resolve me contar o nome de cada irmão. Esse atendimento deixou-me bastante surpresa, haja vista Rodrigo ter um irmão com o mesmo nome e sobrenome. **Dois irmãos com o mesmo nome?** *Só então percebi que, matematicamente, fazia sentido a lógica inconsciente da mãe, ao omitir Rodrigo na contagem de seus filhos. Para fazer a conta que ela fez, que resultou em número de filhos (-1), o que implica em somar 2 filhos = a um, a um nome. Rodrigo, portanto, não é contado, nem nomeado na sua singularidade.* Diante disso, fiquei me questionando: **Em que "lugar" Rodrigo encontra-se nessa dinâmica familiar? Sendo o nome de Rodrigo cópia do nome do irmão, como fica a construção de sua identidade, se não lhe foi dado o direito a um Nome Próprio Singular?**

Sabe-se que *o Nome representa uma marca, um índice que institui um lugar para o sujeito* (Mourão, ano). Segundo Erik Porge (1998), *a identidade*

*do sujeito é internalizada a partir do seu nome próprio, nome este que possui uma determinação exterior, ou seja, o sujeito é nomeado pelos pais. O nome escolhido revela o desejo do Outro. "Assim o nome fixa o destino" (p.16). "O nome não designa somente o indivíduo, mas seu lugar na sociedade, na família, nas idades da vida" (p.17).*

Durante sucessivos atendimentos, Rodrigo começa a se comportar de uma maneira mais desinibida, mostrando-se mais seguro e confiante consigo. Nas sessões subseqüentes, passa a querer jogar dama, salientando que sempre jogou com seu pai, mas que, no momento, apenas tem a oportunidade de jogar quando vem ao IMIP. Numa determinada sessão, Rodrigo chega falando que agora está jogando dama com seu primo que mora perto de sua casa. Diante disso, perguntei: "Você nunca falou desse primo, ele é filho de quem?" Nesse momento, Rodrigo responde: "É filho de uma mulher aí, é porque sou filho de outra mulher" (sic). É importante colocar que o primo mencionado é integrante de sua família biológica. A partir dessa sessão, Rodrigo começa, aos poucos, a falar sobre quem ele era e sobre a sua relação com Maria.

Rodrigo passa, então, a revelar com mais detalhes as suas dificuldades com Maria. Salaria que, quando se encontra em casa, sua mãe, constantemente, manda-o **ir dormir**, enfatizando que ele precisa descansar, em virtude dos remédios anticonvulsivos que toma. Quando contraria a vontade de sua mãe, Rodrigo menciona que ela o machuca com palavras grosseiras e com "palavrões". Na verdade, ressalta que sua mãe quer sempre determinar o que ele tem que fazer. Após várias sessões, Rodrigo chega falando que vai ter que **deixar o tratamento** porque sua mãe diz que não tem mais condições para ficar trazendo-o, pois fica extremamente cansada, além de reclamar da "ponte" que tem que atravessar todas as vezes que comparece ao IMIP. É importante frisar que foi Maria que procurou o serviço de Psicologia do IMIP para realizar o tratamento de seu filho, demonstrando um grande interesse de sua parte.

Fico a me perguntar, então, por que é um peso para Maria levar Rodrigo ao tratamento? Será que para ela é melhor não tratá-lo? Será que a melhora de Rodrigo pode sublinhar a perspectiva de vir ocupar um lugar no seio familiar? Será que ela deseja isso?

De acordo com Dolto (citada em Volnovich, 1991), *o sintoma emerge como forma de conciliação, substituindo o que não pode ser dito, falado, ou seja, é o representante do desejo inconsciente. Parece que os ciclos de crises convulsivas apresentadas por Rodrigo representam um pacto de morte inconsciente entre os desejos dele e de Maria.* Esse aspecto pode ser percebido quando Rodrigo começa a apresentar algumas mudanças e começa a proclamar a sua independência, Maria pede para interromper o tratamento. É significativo destacar que Rodrigo salienta a sua vontade em continuar o tratamento, mas, caso continue, estaria contrariando, desobedecendo à vontade de sua mãe.

Conforme já mencionado anteriormente, Maria teve alguns atendimentos intercalados com Rodrigo. Em uma dessas sessões, Maria salienta a sua dificuldade em continuar trazendo seu filho para o acompanhamento terapêutico, dando como desculpa o seu eterno cansaço físico, cansaço de correr em hospitais para o tratamento das crises de Rodrigo, além da ênfase no medo da travessia da "ponte". Nesse atendimento, Maria afirma: "Dra. não agüento mais! É uma cruz que eu carrego pelo resto da minha vida!" (sic).

No dicionário Aurélio, a palavra Cruz significa *antigo instrumento de suplício em que se amarravam os condenados à morte* (p. 405). *Cruz que carrego na minha vida. Como essa frase ecoa aos ouvidos de Rodrigo? No seu sintoma, ele encena constantemente a morte, atendendo aos desejos de morte da mãe. Para continuar a viver, e ter um lugar no desejo da mãe, parece que precisa encenar a morte.*

Outra cena, entretanto, começa a ser trazida por Rodrigo para a relação transferencial: o jogo de damas que jogava com o pai e que lhe dava muito prazer, pois o pai foi uma pessoa muito especial para ele.

Abre-se, assim, uma nova perspectiva para Rodrigo. Dizer com palavras o que vem dizendo através dos sintomas convulsivos. *Mudar o jogo: Jogar com as palavras em sua psicoterapia, para quem sabe, não precisar jogar com seu corpo, escolhido até então para dizer o não-dito.*

## Referências

- Ferreira, A B. de H. (1975). Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Editora.
- Hamad, N. (1998). Françoise Dolto: destinos de criança – adoção, família, trabalho social. São Paulo: Martins Fontes.
- Mannoni, M. (1980). A primeira entrevista em Psicanálise. Rio de Janeiro: Campus.
- Meira, Y. M. (). As Estruturas Clínicas e a Criança.
- Pogi, E. (1998). Os Nomes do Pai em Jacques Lacan. Companhia de Freud ed.
- Volnovich, J. (1991). Lições introdutórias à psicanálise de crianças. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

